



Recebido em:  
04/08/2017  
Aprovado em:  
06/08/2017  
Editor Respo.: Veleida  
Anahi  
Bernard Charlort  
Método de Avaliação:  
Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi:

## A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NA FEITURA DE SI E DE MIM: DA EXCLUSÃO A INCLUSÃO QUE DENOMINEI CESAR NUNES

ELIANA SAMPAIO ROMÃO  
FRANCISCO LUNA

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

### RESUMO

O presente texto, feito em narrativas, mostra a importância de um professor na feitura do aluno, ainda que esta feitura, denominada educação, não esteja a depender de “um só homem”. Cada um e cada qual é resultado de muitas “histórias alheiras”. E como diz o poeta, “cada um de nós é vários, é muitos”, “...uma sociedade inteira de mistérios” (Fernando Pessoa). Nesse contexto, o texto se constitui, a partir da história, de um garoto de 11 anos, hoje com 62 anos, que foi expulso da escola e quarenta três anos depois voltou pelos braços de um professor que lhe devolveu a crença que havia perdido e que tanto necessitava para se fazer gente e evoluir nos estudos e na vida. Este trabalho mostra que, embora as marcas amargas da exclusão provocada pela expulsão da escola sejam grandes, é maior ainda a gratidão de um aluno pela oportunidade da inclusão que recebeu o nome de César Nunes. A trilha metodológica se deu com estudo de caso.

**Palavras chave:** professor marcante, exclusão e inclusão, educação escolar.

## THE IMPORTANCE OF THE TEACHER IN THE FACE OF HIM AND ME: FROM EXCLUSION THE INCLUSION I DENOMINATED CESAR NUNES

### ABSTRACT

This research, shows narratives of the teacher in order to give to the student the way and the lights of the education, although this education, isn't dependent of »only one man«. Each and every person is the result of many »stories of the others«. And as the poet says, »each one of us is various, is many« ... is a prolixity of oneself , » ...an entire society of misteries« (Fernando Pessoa). The text constitutes, the story from an 11 years old boy, today 62 years, who was expelled from school and forty-three years later returned to study, by the arms of a teacher, who gived back him the belief that he had lost and needed so much to become people and to evolve in studies and in life. This work shows that, although the bitter marks of the exclusion from the are large, it is even greater the gratitude of a student for the opportunity of inclusion that was named César Nunes. The methodological trail was based on the case study.

**Key words:** teacher, exclusion and inclusion, school education.

### 1. INTRODUÇÃO

Oh, a lembrança dolorosa das aulas em que eu não estava lá! Como eu sentia flutuar os

meus alunos, eles derivavam tranquilamente enquanto eu tentava organizar minhas forças. Essa sensação de estar perdendo a minha turma... Não estou aqui, nem eles estão, nós nos desligamos (PENNAC, 104).

Nenhum professor passa pelo aluno sem deixar suas marcas. Não há docência inocente. E na docência o discente faz sua morada. Juntos se ligam e se desligam. Juntos estabelecem laços e se desençam. Juntos se encantam e (des)encantam. Juntos ensinam e aprendem. Juntos educam e criam ocasiões perdidas de educação. Juntos perdem e ganham forças, multiplicam suas energias. Juntos, ainda, se elevam na experiência da feitura do outro e de si. Juntos e enredados pelos fios que tecem os saberes, deixam de ser o que foram e seguem além do ponto em que se encontrara. E na experiência da “humana docência” o movimento das interferências e influências é (in)tenso.

Há de se reconhecer, no entanto, que professores e alunos, ainda que igualmente importantes no caminho perscrutado de formação, exercem diferentes papéis. E cabe ao professor, mesmo, por vezes, “escolanovista”, a condução desse processo. São papéis específicos e de pesos desiguais. De qualquer maneira, inexistente docência de mão única, pois que durante o ensinar e o educar é imperativo o encontro, e, mais que isso, possibilidades autênticas de relação. Do contrário, fica fadado ao fracasso o papel do professor, o sentido da escola.

É apaixonante o trabalho professoral e, com efeito, o papel da escola. A escola, porém, tem, mais do que se possa imaginar, descuidado do seu papel e feito, em certa escala, mal a uma ou outra criança, um ou outro adolescente, jovem e, até o adulto, que a prestigia. A escola de qualquer maneira, ensina mais que ensina; as grades curriculares são mais que grades; a docência é mais que docência; ensina-se muito mais do que se pretende ensinar (ARROYO, 2000). O aluno é mais do que a gente vê na quadradura da aula, no pátio da escola, nas andanças que fazem pelos seus corredores vazios. Nas suas mochilas ou nas suas costas, nos seus corpos, carregam muitas histórias, muitos traumas, muitos outros, muitos cantos e contos, muitos gritos abafados entre os dentes, muitas narrativas silenciadas (ROMÃO, 2017). Nossos alunos, ainda mais sejam aqueles considerados “maus alunos” e “sem futuro” nunca chegam sozinhos à escola (PENNAC, 2008). Para este autor, é uma feitura de muitas camadas – de desgosto, de medos, de preocupação, de rancores, de raivas, de frustrações, de espantos, de perguntas sem respostas, de renúncias (...) um presente ameaçador, um futuro condenado (PENNAC, 2008). Raramente, para não dizer nunca, a escola faz intervalos para pensar nos traumas dos alunos, menos ainda, sendo por ela criados. Para Sá, o traumatismo são ressentimentos que se guardam; nunca que se partilham! ” (SÁ, 2014). Importa (com) partilhar.

É nesse cenário que avulta a história do autor principal do presente texto que se apresenta em forma de narrativa na perspectiva de homenagear seu professor querido, agradecido pela devolução de sua reintegração a escola, a elevação de si, o retorno a vida.

Isso posto, recorremos as recordações da escola, no momento em que experimentamos o sabor amargo da exclusão e encontramos-nos de volta com a doce inclusão pelos braços de um professor marcante e querido – Prof. Cesar Nunes. Aos 11 anos de idade, mediante a expulsão de uma escola pública, por falta de aceitação do professor num período em que as inquietações e inquietudes emergiam mais frequentemente de determinadas normas e até (im) posições.

Os espantos eram muitos. As incompreensões eram mútuas. Nem aquela criança já crescida entendia a professora que decidia o lugar onde sentar – cada dia teria que ser um lugar diferente do lugar que o aluno esperava marcar seu espaço. Nem ela, a professora, parecia entender por que rejeitava aquelas imposições. Se já é difícil se deparar com saberes que pouco dizem aos alunos, ter que suportar decisões sem qualquer justificativa aceitável, parece um pouco demais. Os espantos não findavam nos limites da quadradura da aula. Frequentemente era rejeitado também, entre outros, tomar apenas um copo de leite na hora do lanche uma vez ciente de que aquele copo de leite seria o único do dia. Burlava a fila. E até conseguimos por várias vezes, com a conivência da merendeira, dobrar a dose do leite distribuído pela escola. Este aluno do qual aqui ressaltamos não representava como um modelo de aluno aceito pelos professores.

Aos poucos tornava cada vez mais explícito de que a escola não sonhava com seus alunos, uns mais que outros, seus sonhos. Para Sá (2014), porém, a escola é uma “fábrica de sonhos”. Quando age de forma a interromper os sonhos de seus alunos, melhor seria está fora dela Ou não caberia a escola desconfiar que nem sempre acerta para entrar na trilha e nos trilhos que leva a criança o jovem aos seus objetivos, a seguir diferente, diferente do que já foi.

Não seria para isso que a escola serve, ou serviria Crer nas possibilidades do aluno e acolhê-lo dentro dos seus limites e dificuldades de modo a ajudá-lo a lidar com situações difíceis e, assim, agir na direção de convencê-lo a permanecer evoluindo na escola. O autor, ainda, adverte que a escola teria que ser um lugar “que aceitasse que atrás de um aluno difícil, está um professor em dificuldades, e que diante de uma criança distraída permanece uma família desatenta” (SÁ, 2015, p. 270). Completa o mesmo autor:

Por trás de cada dificuldade escolar, há uma criança em dificuldades. E há uma explicação que se perderá na sua história e que permite, de alguma forma, intervir para além daquilo que é a individualidade da criança, a especificidade da escola e das suas relações familiares. Ultrapassar dificuldades emocionais é, também, resolver sofrimentos educacionais (SÁ, 2014, p. 271).

As dificuldades escolares raramente são vistas dentro de um contexto e onde, de fato, se inserem. Quase sempre recai sobre o outro. A escola, antes mesmo de perceber em que precisa mudar e suspeitar de seus erros, prefere fazer acusações. A lógica dessa prática vem de muito tempo e muito para além da escola. Desde os tempos bíblicos a advertência é difundida. Nem mesmo o livro sagrado ignorou tamanha contradição, ainda hoje tão comum - seja na vida cotidiana, seja no interior da escola. Diz o livro de Mateus (cap 7: 3,4,5)

Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho Como você pode dizer ao seu irmão: Deixe-me tirar o cisco do seu olho, quando há uma viga no seu Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho de seu irmão (Livro de MATEUS, cap. 7: 3,4,5).

A viga está muitas vezes diante dos olhos da escola, de quem aponta o indicador, a quem é atribuído, portanto, o dever e a capacidade de ver, mas não ver. Isso vai contaminando cada um que, por sua vez, se vale da mesma lógica e, assim, consegue ver apenas os ciscos dos que arranham os olhos do outro e esquece-se de ver a viga que atravessa os seus. Fora do mundo sagrado e voltando para o mundo profano, o que queremos dizer, aproxima-se da autora abaixo assinalado:

Estamos todos no inferno. Os alunos e pais culpam os professores por não aprender; os professores responsabilizam os coordenadores e diretores pelo excesso de burocracia e falta de sensibilidade no cotidiano escolar; os diretores e coordenadores culpam os supervisores e delegados pela excessiva carga de ações; os supervisores e delegados incriminam a Secretaria de Educação pela aceleração dos variados projetos em andamento. É um círculo vicioso que precisa ser quebrado; precisamos desacelerar a máquina para podermos pensar a realidade ao nosso redor. Se estamos num carro de corrida, a nossa visão fica distorcida pela velocidade em que passamos pelas paisagens, se formos devagar podermos apreciar e aproveitar os momentos, para juntos, crescermos como pessoas e profissionais (ROSSI, 2000, p. 96).

Isso não quer dizer que a escola deva ser proibida de errar, mas é necessário proibir que jogue para o aluno a culpabilidade de suas mazelas e dificuldades. E quando não é o aluno, tudo recai sobre o professor. “Pede-se quase tudo aos professores e dá-se-lhes quase nada” (NOVOA, 1998, p. 34). Bem que alguém poderia decretar: de hoje em diante a escola está proibida de atribuir ao outro, em particular, aquele menos poderoso, seus erros – seja o professor, seja o aluno. E tanto menos idade tenha este aluno, tanto maior será atribuída a ele a carga de fracasso escolar. Parece que “as crianças certinhas”, quietinhas e caladas, são aquelas mais queridas pela escola e seus professores. Sá, no entanto, adverte “são certinhas porque são tristonhas” e, por vezes, são crias de professores e pais autoritários, hostis e até tiranos (SÁ, 2014). Importa lembrar do educador russo que, na mesma linha, advertiu há mais de trinta anos:

El niño odia a quen le golpea. Comprende y nota com mucha perspicácia que el maestro guia la mano del padre. Y comienza a odiar al padre y al maestro, la escuela y el libro... El castigo, tanto más si su justeza es dudosa ..., endurece el alma humana, la irrita y exaspera (SUJOMLINKI, 1975 p. 84).

Por essa perspectiva, muitos são excluídos da escola movidos pela certeza de que ----- “Não vou nunca chegar lá, estou dizendo. A escola não foi feita para mim fessor!... O lá e o isso nos engolem e nós não sabemos mais quem somos” (PENNAC, 2008, p. 93).

Isso posto, continua narrando o ex-aluno da escola que não soube acolhe-lo. Durante 43 anos, as vicissitudes da vida, aliadas a tempera excludente de uma sociedade competitiva e desigual impediram nosso acesso à educação formal. Colecionei inquietações ao longo da vida e, ao retomar nossos estudos, descobrimos por meio das pesquisas educacionais a possibilidade de uma vida livre e humanizadora. Finalmente, aos 62 anos de idade, recebi o diploma de Mestre em educação pela Unicamp mediante a orientação do Professor Doutor César Nunes.

Um menino excluído da escola, mormente se torna um excluído do mundo, revoltado e de difícil relacionamento interpessoal. No momento de constituir relações familiares, há uma reação, fruto do ressentimento, desestruturando esposa, filhos, e com grande repercussão na vida profissional.

Nesse momento de fragilidade emocional, esse menino sem presente ver cair por terra seu futuro, pois quando não há perspectiva de futuro é porque lhe foi roubado o presente. Nesse presente, esquece-se que nada é mais importante que a luta pelos excluídos e humanização do espaço para o qual foi pensado para acolher as gerações que se inserem numa determinada sociedade. Educação humanizada para todos que nasceram, de acordo com Comênio, 1957, potencialmente homens. Para que sejam homens, não animais ferozes, nem troncos sem frutos.

Fique, portanto, assente que a todos aqueles que nasceram homens é necessária a educação, porque é necessário que sejam homens, não animais ferozes, nem animais brutos, nem troncos inertes. Daí se segue também que, quanto mais alguém é educado, mais se eleva acima dos outros (COMÊNIO, 1957, p.125).

A educação brasileira, fragilizada por inúmeros sistemas, através das figuras de inúmeros professores, excluiu a mim e a milhares de crianças e jovens que viam na escola sua esperança de mudar de vida. Mas, ao longo da minha vida encontrei pessoas que me acolheram, aliviando um pouco da dor e das marcas da rejeição causadas. Aos 13 anos de idade, morando em Maringá no Norte do Paraná, no ano de 1968, auge da ditadura militar, observava, já ali, em tenra idade, certas contradições. Uma propaganda do governo Federal, de que filho de pobre poderia ser internado na Febem (Fundação e bem estar do Menor) e que de lá sairia com diploma de Doutor. E, em decorrência da expulsão da escola e ameaças da Mãe impingidas aquela criança, já adolescendo, em interna-lo na FEBEM, em outro lugar, não menos assustador, foi obrigado a ficar – o sanatório. De madrugada, depois de constatar que aquele não era seu lugar, conseguiu escapar, pulando o muro com a ajuda dos pacientes empilhados e dopados de remédios, foi seguindo a pé com destino a São Paulo pela rodovia do ca(fé). Depois de caminhar um dia inteiro, ao pôr do sol, tornou-se muito cansativo continuar. Não queria aquela situação imposta pelas circunstâncias. Já vinha casado com as amarguras do aprisionamento gerado pela experiência escolar, da escola que o expulsou. Para Foucault em diálogo com seu entrevistador, ressalta que “não são apenas os prisioneiros que são tratados como crianças, mas as crianças como prisioneiros. As crianças sofrem uma infantilização que não é delas... As escolas parecem muito com as prisões...” (FOUCAULT, 1990, p. 73).

Ao pedir ajuda a pessoa estranha que apareceu no caminho, foi levado até a delegacia de polícia. Na memória daquele menino, hoje mestre, a recordação viva da preocupação daquele senhor delegado de polícia contribuía para recuperar os fragmentos humanos ameaçados – lembranças de um senhor delegado como ser humano acolhedor e amoroso. Horas preciosas com sua família em muito ajudou aquele garoto a visualizar nova direção de vida. Pela manhã, tomamos o café e mais uma vez seus aconselhamentos que teria como fim a volta para a família de origem. Dizia ele, “volta para sua família, São Paulo era muito grande e longe”. Aquele senhor delegado de polícia, depois de ouvir a história deste autor, convenceu-nos de que precisava retornar. E, fazendo as recomendações ao motorista da condução que o levava de volta, seguiu. Aquele senhor delegado de polícia, humanizado e acolhedor, era muito diferente de muitos da polícia de hoje, que é truculenta, violenta e até corrupta. E o garoto, seguiu.

Antes, todavia, de corresponder aos seus aconselhamentos foi relatado por ele que sua origem “era de uma família com muitos problemas e numerosa – dez irmãos”, sendo ele, o mais velho. Não é segredo a carga que recai para o irmão mais velho de uma família com poucos recursos. Filho de pai agricultor, cultivava café. Narra o autor do presente texto:

Nossas terras foram invadidas por jagunços de latifundiários, fomos ameaçados de morte. Os jagunços de grileiros de terras apoiados pelas forças policiais do estado, com apoio do Senhor Governador Moisés Lupion, eram sempre uma ameaça. Muitas famílias foram dizimadas. Fomos deixados na periferia de Maringá, em um acampamento de ferroviários, que virou um grande cortiço. Fomos criados com o esforço da presença ativa e determinada da mãe que nos sustentava lavando roupas. Sobrevivemos.

## **2. DA AMARGA EXCLUSÃO PARA DOCE INCLUSÃO: de uma vertigem - El Capone para um sonho Cesar Nunes**

Numa manhã de quarta-feira, no mês de julho, na cidade de Campinas, eu estava visitando uma amiga em seu escritório de consultoria educacional. De repente entrou um senhor elegante, estilo nobre, barba preta cerrada, olhar esperto, de estatura mediana, chapéu preto, um manto preto de lã abaixo dos joelhos, sapatos e calça preta, camisa branca, ao estilo daqueles personagens de filmes italianos antigos, parecido com o ator Al Pacino, representando o personagem El Capone, mas diferente deste que abandonou os estudos aos 14 anos para entrar no mundo do crime.

Quando ele foi embora, perguntei quem era aquele Senhor que chamou muito a atenção. Minha amiga me disse com orgulho de contar com a amizade dele. Era o Professor César Nunes, Doutor em educação pela Unicamp. Eu achava que Doutor só era médico, dentista, advogado. Mas naquela ocasião fui esclarecido. Passaram-se mais de um ano, eu estava novamente no escritório da minha amiga. Ela tinha uma reunião com Professor César em sua casa para tratar de uma palestra em evento de educação. Convidou-me a acompanhá-la, lembrando-me que não era vertigem, não era El Capone, nem aquele Senhor ao estilo do artista de cinema, era o professor dr. Cesar Nunes que, na sequência dos encontros ocorridos, me recebeu na sua casa.

Passaram-se novamente uns dois anos e ao assistir a uma palestra do Professor César Nunes sobre a história da educação brasileira constava que estava diante de um profissional fora do comum. Estava atento em sua fala brilhante em que narrava desde a chegada dos padres jesuítas, desde a nomeação de Sebastião José de Carvalho, (1750 a 1777) o Marquês de Pombal com as reformas pombalinas até o ministro Jarbas Passarinho, e as reformas do “Pombal” á “Passarinho”. Aquela palestra trouxe fragmentos da infância e a compreensão, tanto quanto possível, da amarga exclusão do tempo de escola regular.

No final da palestra o Professor César Nunes, tomando conhecimento da narrativa antes descrita, mostrou-se sensibilizado e duvidando da condição de semianalfabeto, marcou um encontro para encaminhar aquele garoto, na época, à realizar exames supletivos de segundo grau. Mas o interesse e decisão de fazer a matrícula ainda não existia. Ele percebeu. E por iniciativa própria, pegou dos documentos necessários para fazer a inscrição por meio do site para aquele fim. Passaram-se uns meses, finalmente chegou o dia do exame. A data do exame era dia de domingo. O Professor César preocupado que eu não iria ao exame, marcou de me encontrar no sábado á noite. Contou-me vários exemplos de pessoas que não tiveram oportunidades de estudar, e agora estavam cursando faculdade e outros teriam terminado a graduação depois dos exames supletivos. Aquele professor inesquecível, se valeu ainda do exemplo de uma garçon que havia feito o exame supletivo e já se encaminhava para cursar uma faculdade. E, enfim, para surpresa de todos a notícia da esperada aprovação .- media 7,5 e 9,5, nos surpreendeu. De posse do certificado de segundo grau, conforme na época era denominado segundo a lei vigente 5692/71, uma indagação veio a tona: “qual será o próximo passo professor”. Cesar Nunes, ainda, fez os encaminhamentos para a matrícula do curso de pedagogia. Depois de dois anos de curso, com dificuldade em conciliar trabalho, estudos, leituras, veio a desistência.

Depois de algum tempo, por acaso, o reencontro com o Prof. César Nunes aconteceu numa parada da rodovia Castelo Branco em São Paulo. E naquele momento aquele professor, mais uma vez, trouxe de volta a disposição de seguir como aluno do curso de pedagogia que este havia desistido. O curso, enfim, foi concluído. Mudanças ocorreram em razão de trabalho e novamente, por acaso, novo encontro com o professor aconteceu. O reencontro se deu com muita alegria e novos projetos foram suscitados. E, após um tempo em que histórias de vida tomou conta da pauta do dia, disse o Cesar: “... você é o Jacó Levi Moreno brasileiro”.

Depois de um ano de trabalho, o projeto orientado por este professor inesquecível, foi submetido a seleção, mas não

foi aceito pela Unicamp naquele primeiro momento. E o professor César Nunes que poderíamos chama-lo de “nosso salvador”, fez chegar ao aluno desacreditado e perplexo com o resultado, um bilhete manuscrito guardado por ele até hoje num quadro moldurado. Na continuidade de projetos para nova seleção no ano seguinte, Michel Foucault trouxe excelentes esclarecimentos. Entre os quais, avulta a recuperação do ser, da necessidade de se contrapor a degradação do humano, a precarização da educação em direção a humanização da escola e dignificação do público que a prestigia.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS – DE SEMIANALFABETO À MESTRE

“Tinha uma pedra no caminho e no caminho tinha uma pedra”. Queremos dizer ao poeta que no caminho não tinha apenas uma pedra. Tinham muitas pedras no caminho. Pedras pontudas, pedregulhos, pedras com peso de grandes obstáculos. Os obstáculos, porém, não se eternizam (FREIRE, 2006). Nem as pedras do caminho duram para sempre. Elas rolam a perder de vista. Não conseguiríamos, porém, rolar as pedras do meu caminho, sozinhos. Novamente, com o apoio e orientação do professor inesquecível, Cesar Nunes, que trouxe a inclusão perdida, foi defendido, enfim, em 20 de fevereiro de 2017, as 14 horas, a dissertação de mestrado: “Educação, extensão e exclusão social: um estudo de caso sobre o projeto de recuperação de jovens a partir da ética do cuidado de si”. Fato que deu o título a um garoto, expulso da escola aos 11 anos, e fora dela por várias décadas, mestre em educação.

E, aproveitando a ocasião que a escrita possibilita e a oportunidade de participar de um evento como este, de edição e porte internacional, declaramos para o mundo que, sob a tutela de um professor marcante e querido, Cesar Nunes, compreendemos que a inclusão é possível, apesar de a educação brasileira de qualidade, ainda ser um privilégio da elite. A grande finalidade da educação escolar é sua humanização e, com efeito, a melhoria das relações interpessoais, a passagem do “ser menos para o ser mais”. Assim, é compreensível que a escola seja apresentada como um espaço de lutas pela consciência crítica e emancipação das pessoas. Isto remete-nos ao professor aqui homenageado ao assinalar em diálogo com Romão

Defendemos que a escola e a educação sejam um espaço e tempo de profunda humanização das crianças, adolescentes, jovens e educadores. O homem, antes de ser definido por uma abstração, é um ser vivo, um ser com necessidades e potencialidades materiais, além das dimensões de identidade e significação que a civilização e a cultura lhe conferem (NUNES E ROMÃO, 2014, p. 168).

Humanização. Esta é sua marca. A elevação da condição humana é sua utopia. Disso darão provas, não apenas os autores do presente texto, mas dezenas de estudantes, seja na condição de alunos de graduação com trezentos e oitenta e seis orientações monográficas concluídas até aqui. Seja na condição de alunos de pós-graduação - com cinquenta e cinco dissertações apresentadas e títulos de mestres conquistados; com trinta e quatro teses de doutorado findadas, entre as quais, a de um dos autores do presente texto que também inspira outras histórias. Seja, ainda, com alunos de pós-doutoral, com dezoito estudos concluídos até a corrente data. E, nesta feita de si, e de muitos, continuam os mesmos autores, dá-se o começo e, com efeito, dá-se “a origem ao processo de hominização de si mesmo e humanização da natureza. O homem define-se, pois, por esta capacidade material de produzir seus meios de sobrevivência material e de construir(...)” (NUNES E ROMÃO, 2014, p. 168)

Isto não se faz do vazio ou do nada, ou das nuvens. Se faz, para além de suas capacidades de produzir os meios de sobrevivência, suas circunstâncias, seus contextos, suas relações, suas histórias, suas interlocuções, entre as quais, com professores marcantes e capazes de elevar os horizontes de quem se via repetindo “eu não vou chegar lá”, “a escola não foi feita pra mim”, “não conseguirei ser um mestre”. E doutor nem pensar! Descobrir-se como ser, capaz de chegar e ocupar um lugar para dizer que é seu, não ocorre fácil, nem rápido, nem, menos, ainda, na solidão. Descobrir-se, assim, que a feita de si e o cuidar de si mesmo não se faz fora da ética, da educação que inclui e que liberta. A escola se afirma como tal quando serve para humanizar e, assim, “educar para a humanidade”. E, serve, igualmente, para acarinhar e acolher “os afoitos, os arrojados, os desafiantes, os atrapalhados, os engasgados e os insubmissos... Serve para preservar as qualidades com as quais as crianças lá chegam...” (SÁ, 2014, p. 198). A escola, serve, enfim, quando promove a inclusão. Não a inclusão de papel, mas inclusão de direito, de ação. Direito de ser igual, direito em ser diverso, direito a diferença. Para Boaventura Santos (1999), “temos o direito de ser igual quando a diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza; ...”

(apud CURY, 2005, p. 55). Daí a importância de uma escola que promova a igualdade a partir da inclusão, reconhecimento as diferenças, os fragmentos humanos que fazem a feitura de si e assegura a construção da sua identidade; dizendo não aos rótulos, aos preconceitos, a exclusão.

Ao tratar da ética de foucaultiana em relação ao conceito de “cuidar de si mesmo”, é possível entender o cuidado de si como associado a uma postura ética indispensável que o sujeito assume perante o mundo. O sujeito, antes de agir sobre o mundo, volta-se a si mesmo de maneira reflexiva, agindo sobre ele mesmo e, ao mesmo tempo, agindo sobre o mundo. É como diz a canção: “muda, que quando a gente muda o mundo muda” o mundo muda com aquele que, ao mesmo tempo, muda. E da amarga exclusão que lhe foi retirado décadas fora da escola, prevalece os efeitos elevados da inclusão que chamamos de Cesar Nunes, nosso professor inesquecível. Gratidão.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Ofício do Mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BÍBLIA. SAGRADA. O Julgamento ao Próximo. In: **Mateus**, cap. 7: 2,3,4. São Paulo: editora Vida, 2001.

COMÊNIO, João Amós. **Didática Magna**. Praga: Tomo I das Ópera Didática Omnia da Academia Scientiarum Bohemoslovenica, 1957.

CURY, Jamil. **Os fora de série da escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FERNANDO, pessoa. **Livro do desassossego**. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1990.

NOVOA, Sampaio Antonio. **Relação Escola e Sociedade: “novas respostas para um velho problema”**. In: SERBINO, Raquel et al. (org.). Formação de Professores. São Paulo: UNESP, 1998.

NUNES, César e ROMÃO, Eliana. A Educação Brasileira, as novas diretrizes curriculares e a formação de professores. In: ROMÃO, Eliana e NUNES, Cesar (org.). **Educação, Docência e Memória: desa(fios) para a formação de professores**. Campinas: Librum, 2014.

ROMÃO, Eliana. **Quando o professor ensina, mas não educa**. No prelo, 2017.

ROSSI, Alba Maria Conceição. **Progressão Continuada**. São Paulo: Pioneira, 2003.

PENNAC, Daniel. **Diário de Escola**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SÁ, Eduardo. **Hoje não vou à escola: porque é que os bons alunos não tiram sempre boas notas**. Lisboa: Lua de Papel, 2014.

SUJOMLINSKI, **Pensamento Pedagógico**. URSS: Progreso, 1975.